

TÍTULO: A afetividade no campo do ensino de Artes: um relato de experiência PIBID Artes Unicamp.

GONÇALVES, Laura Fernandes

TOLEDO, Bianca Raquel

RODRIGUES, Paula Luzia Ribeiro

RESUMO: A partir de um recorte específico em nosso envolvimento no subprojeto PIBID Artes Unicamp, tomamos consciência do significativo papel que desempenhamos como bolsistas e professoras em formação. Nesse contexto, comprometemo-nos a desenvolver uma análise crítica e reflexiva, fundamentada em nossas próprias experiências, sobre a importância da afetividade na dinâmica entre professor e aluno no ensino das artes, pautadas especialmente em bibliografias notáveis como pesquisas de Vygotsky *“Ensinando pensamento crítico”* de 1952 e o livro da autora, pesquisadora e educadora bell hooks *“Tudo sobre o amor: novas perspectivas”* de 2000. O projeto atua na Escola EMEFEI Padre Francisco Silva, situada em uma região periférica na cidade de Campinas, interior de São Paulo. Assim, a afetividade emergiu como um pilar central na construção de uma abordagem inclusiva e transformadora, especialmente no ensino das Artes, na qual a expressão individual e a sensibilidade são aspectos fundamentais. Logo, a partir de nossas experiências, a pesquisa aponta que ao cultivarmos conexões emocionais e afetivas com as crianças, os professores podem inspirar e capacitar os alunos a explorar seu potencial criativo e expressivo de maneira profunda e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: arte-educação; relação professor e aluno; afetividade; empatia; resolução de conflitos;

1 INTRODUÇÃO

A afetividade e a presença são fatores essenciais para o cenário da educação, seja ela formal ou informal, primária ou secundária. O afeto não é apenas um componente essencial para o bem-estar psicológico dos estudantes, mas também um fator determinante para a sua experiência escolar e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Além disso, ao criar um ambiente de aprendizado onde os alunos se sintam valorizados e compreendidos, é possível incentivar a curiosidade, a criatividade e a paixão pelo conhecimento.

bell hooks discorre, em *“Ensinando pensamento crítico”* (2019):

“ [...] Não importa de onde o amor surge na sala de aula, ele transforma. Todas as relações amorosas e significativas empoderam cada pessoa envolvida na prática mútua de parceria. O amor entre professor e estudante faz com que o reconhecimento seja possível; oferece um espaço onde há interseção dos esforços acadêmicos com os esforços mais genéricos de todos nós [...] A educação mudará para melhor quando todos os professores aprenderem a amar, tanto fora da sala de aula quanto dentro dela.” (HOOKS, 2020, p. 243)

Ao longo do ano de 2023, pudemos ter um primeiro contato com a educação formal, a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), fazendo parte do subprojeto PIBID Arte na Universidade Estadual de Campinas. O projeto atua na Escola EMEFEI Padre Francisco Silva, situada em uma região periférica na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

A partir de um recorte específico em nosso envolvimento no programa, tomamos consciência do significativo papel que desempenhamos como bolsistas e professoras em formação. A afetividade emerge como um pilar central na construção de uma abordagem inclusiva e transformadora, especialmente no ensino das Artes, na qual a expressão individual e a sensibilidade são aspectos fundamentais. A Arte, por sua natureza, demanda um envolvimento emocional profundo, tanto dos alunos quanto dos professores. Assim, a relação afetiva entre professor e aluno no contexto artístico não apenas facilita a aprendizagem, mas também se torna um veículo para a exploração da criatividade, da expressão pessoal e do autoconhecimento.

Durante nossa atuação no PIBID, observamos que as práticas que incorporam o afeto e a compreensão mútua estimulam uma maior participação dos estudantes e promovem um ambiente de aprendizado mais acolhedor e motivador. Por meio de atividades artísticas que incentivam a expressão livre e a reflexão crítica, pudemos testemunhar o poder transformador da educação que se fundamenta na afetividade. Os alunos, ao se sentirem seguros e valorizados, mostraram-se mais abertos a explorar novas ideias e a se expressar com confiança.

Nesse contexto, comprometemo-nos a desenvolver uma análise crítica e reflexiva, fundamentada em nossas próprias experiências, sobre a importância da afetividade na dinâmica entre professor e aluno no ensino das Artes.

2 METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada neste artigo fundamenta-se em uma combinação de ferramentas e abordagens que facilitaram a organização do pensamento e a elaboração de reflexões de nossas vivências ao longo do programa. Destaca-se a importância de uma interação dinâmica e dialógica entre a prática docente, a reflexão crítica, o aprofundamento teórico e a análise, como fases fundamentais desse processo.

Para embasar nosso trabalho, realizamos pesquisas bibliográficas em artigos e autores essenciais para o campo de estudo e exploramos as discussões realizadas em disciplinas dos cursos de licenciatura em Artes Visuais da Unicamp. As reuniões de equipe com coordenadoras e outros membros do projeto PIBID também tiveram importância para o desenvolvimento conjunto das análises apresentadas neste documento. Esses encontros propiciaram um ambiente frutífero para o compartilhar de ideias, análise das experiências e elaboração de insights mais profundos.

Adicionalmente, este relatório se baseia em observações empíricas registradas pelas participantes ao longo do ano de 2023, enriquecendo a temática com dados concretos de nossas reflexões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de nossa experiência como bolsistas do PIBID Arte Unicamp percebemos no cotidiano como a educação afetiva pode ser potente. Nesse sentido, a afetividade desempenha um papel fundamental na dinâmica entre professor e aluno no ensino das Artes, influenciando diretamente a qualidade da experiência educacional e o desenvolvimento integral dos estudantes. Essa relação afetiva quando estabelecida vai além da mera transmissão de conhecimento; cria um ambiente propício para a expressão criativa, o crescimento pessoal e a construção de vínculos significativos. Segundo Ferreira (1999) o afeto pode ser definido como:

“[...] sentimento de amizade”, “afeiçoado”, “carinho”, “afabilidade”. Assim, quando se pensa em “afeição”, vêm

naturalmente à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago. Para ser afeto, precisa afetar, tocar, contactar aquele que estava “sujeito a”, produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista. (FERREIRA, 1999, p. 62)

Segundo as teorias de Vygotsky, o progresso de uma criança está intrinsecamente ligado à forma como ela vivencia e percebe as situações em seu entorno, ou seja, "como a criança se dá conta, interpreta e se relaciona emocionalmente com determinado acontecimento" (VYGOTSKY, 1994, p. 341). Nessa abordagem, destaca-se o papel crucial das emoções no desenvolvimento infantil, uma visão compartilhada por outros estudiosos como Coles (1998) e bell hooks (2000), que também ressaltam a relevância da afetividade na prática educativa. Coles, por exemplo, enfatiza que, da mesma forma que um professor pode influenciar o progresso cognitivo do aluno, também é capaz de promover o desenvolvimento emocional da criança por meio de orientação e apoio constantes.

No meio das Artes essa relação de afetividade entre professor-aluno permite que o educador compreenda as necessidades individuais, interesses e habilidades de cada aluno, adaptando sua abordagem pedagógica para atender às diversidades presentes na sala de aula. Esse cuidado individualizado promove um ambiente inclusivo e valoriza a singularidade de cada estudante, favorecendo um aprendizado mais significativo, uma maior realização pessoal e a protagonização do aluno.

Uma ocasião nos chama a atenção, a experiência com um aluno do 4º ano do Ensino Fundamental I, este que percebemos à longa data apresentar-se bastante inseguro perante o resultado de suas produções artísticas.

Nesta vez, a atividade desafiava as crianças a construírem totens de pedra pré-históricos utilizando pedras encontradas pela escola e decorando-as com tintas diversas. Este aluno em específico começou a falar que suas pedras estavam horríveis, “Olha só que feio” - ele repetia. Diante disso, juntamente com auxílio da professora Juliana¹, explicamos que o objetivo daquela prática não era a beleza e sim outros aspectos como, o reconhecimento do espaço da escola, a modificação coletiva no espaço, assimilação de técnicas artísticas não convencionais e o trabalho

¹ Juliana Monteiro supervisora de parte do grupo autor deste trabalho em 2023, quem exercia a profissão de artista-educadora na escola EMEF Padre Francisco Silva.

em equipe. De longe observamos a feição dele mudar levemente e o mesmo parou de dizer que sua obra estava péssima.

Talvez um trabalho de motivação individualizado com este aluno seja necessário, já que sua cobrança pessoal o faz desanimar com seus resultados como já mencionado acima. Como Coles aponta:

“O medo do fracasso pode ser transformado em sentimentos de autoconfiança; a motivação pode mudar de baixa para alta; a insegurança intelectual pode se tornar confiança na própria inteligência. Essas transformações podem ocorrer por meio de um “andaime” e orientação do professor na formação de novos estados emocionais que um aluno pode alcançar e sustentar por si mesmo. [...]”. (COLES, 1998)

Também é importante apontar o lugar hierárquico que nós, como bolsistas, apresentamos às crianças em sala de aula. Diferente das professoras, que possuem demandas extremamente bem definidas - planos de aula, diretrizes e currículos - a serem atingidos durante o ano letivo como bolsistas, conseguimos nos locomover entre os corredores das carteiras, nos posicionar e demonstrar atenção direta à cada aluno com maior liberdade. Nesse sentido, percebemos como essa posição foi facilitadora para criação de vínculos de afetividade com os alunos, em que, nas aulas de Artes, pudemos motivá-los, protagoniza-los e aproximá-los das temáticas desenvolvidas no decorrer da disciplina.

Outra experiência vivenciada na sala de aula foi quando outro aluno do 4º do Ensino Fundamental I, mostrou um livro em formato de gibi, ilustrado e escrito por ele baseado em uma atividade em sala de aula. Essa atividade consistia em através da sinestesia esculpir o som com massinhas de modelar caseira feitas com todos os alunos. De início, o aluno estava acuado e não havia mostrado tal produção à sala, quando chegamos disse que tinha algo que queria compartilhar. De maneira gentil, demonstramos interesse em sua criação. O gibi continha lindos desenhos e a história lúdica criada envolvia todos os conhecimentos aprendidos em sala e como ele absorveu a experiência realizada na atividade.

De maneira pontual o aluno conseguiu assimilar o aprendizado obrigatório e colocá-lo em prática de forma acessível. O material ficou tão completo que o utilizamos para incentivar os outros alunos a criar experimentações em diferentes

formatos e meios que se sentissem com mais afinidade. Assim, o aluno antes acuado, através da escuta ativa e sensibilidade passou a ser incentivado a se expressar interagindo com seus colegas de sala que o apoiaram e se apoiaram em sua experiência, abrindo um caminho mais livre e comunicativo para incorporar o conhecimento obrigatório em seu cotidiano.

Seguindo a análise de bell hooks, em seu livro “*Tudo sobre o amor: novas perspectivas*” de 2000, a autora aborda os possíveis significados de amor e como este apresenta-se na contemporaneidade. Mesmo que não cite diretamente a educação afetiva nesta obra, absorvemos muitos de seus ensinamentos para nosso cotidiano em sala de aula:

“Enquanto não começarmos a ver a criação amorosa em todos os tipos de família em nossa cultura, muitas pessoas continuarão acreditando que só se pode ensinar disciplina com punição, e que a punição severa é uma forma aceitável de se relacionar com as crianças. Como são capazes de oferecer afeição instintivamente ou reagem ao cuidado carinhoso retribuindo-o, geralmente se pressupõe que as crianças sabem como amar e, portanto, não precisam aprender essa arte. Embora o desejo de amar esteja presente em todas as crianças pequenas, ainda assim, elas precisam de orientação quanto às formas de amar. Adultos podem orientá-las”. (HOOKS, p. 71. 2000)

Dessa forma, quando aproximamos nossa linguagem e os assuntos da disciplina à vivência e à realidade infantil podemos conduzir o pensamento do carinho, da preocupação e da individualidade da criança, demonstrando maneiras outras de reverter a indisciplina não exclusivamente através da punição, por exemplo. Assim, hooks continua:

“O amor é o que o amor faz, e nossa responsabilidade é amar às crianças. Quando as amamos reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedade, que têm direitos - os quais nós respeitamos e garantimos. Sem justiça, não pode haver amor.” (HOOKS, p. 72. 2000)

Diante disso, enquanto educadoras em formação, é imprescindível que reconheçamos nossa responsabilidade em demonstrar afeto e fornecer exemplos de afetividade saudável para esses alunos em processo de desenvolvimento. A

educação afetiva, longe de ser apenas um facilitador da convivência escolar, desempenha um papel crucial ao fortalecer as relações interpessoais e contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da turma como um todo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas vivências no projeto percebemos que ao cultivarmos conexões emocionais autênticas, os professores podem inspirar e capacitar os alunos a explorar seu potencial criativo e expressivo de maneira profunda e significativa. Assim, para concluir apresentamos um breve guia do que seriam essas competências afetivas no Quadro 01 exposta a seguir:

Quadro 01. Guia de competências afetivas e possíveis posturas para educadores baseada na educação afetiva e nos resultados da presente pesquisa.

COMPETÊNCIAS	POSTURA DO PROFESSOR BASEADA NA EDUCAÇÃO AFETIVA E NOS RESULTADOS DESSA PESQUISA
Empatia	Capacidade de compreender e se colocar no lugar do aluno, reconhecendo suas emoções e perspectivas.
Respeito	Valorização das opiniões, ideias e experiências dos alunos, criando um ambiente de respeito mútuo e inclusivo.
Sensibilidade	Percepção das necessidades emocionais dos alunos e adaptação da abordagem pedagógica de acordo com essas necessidades.
Comunicação não verbal	Utilização de expressões faciais, gestos e linguagem corporal para transmitir afeto e compreensão aos alunos. Uma ideia seria abaixar-se à altura da criança permitindo uma comunicação horizontal e linear, o que aumenta a capacidade de ouvir e de ter empatia para com o aluno.

Escuta ativa	Habilidade de ouvir atentamente os alunos, demonstrando interesse genuíno por suas preocupações e sentimentos. Mostrar-se preocupado ao que é importante para eles, quais músicas mais gostam, quais desenhos estão interessados e quais assuntos do cotidiano podem guiar as aulas para um melhor entendimento da temática corrente de estudo, seriam possíveis exemplos.
Paciência	Demonstrar disposição para lidar com as dificuldades e desafios dos alunos com paciência e compaixão. Além disso, compartilhar experiências pessoais de maneira equilibrada e madura pode mostrar aos alunos a humanidade do professor, contribuindo assim para o desenvolvimento empático dos alunos.
Encorajamento	Incentivo constante aos alunos, reconhecendo seus esforços e celebrando suas conquistas, por menores que sejam.
Autenticidade	Ser verdadeiro e genuíno na interação com os alunos, demonstrando sinceridade e honestidade.
Resolução de conflitos	Para lidar com conflitos de forma construtiva, promovendo o diálogo e a resolução pacífica de problemas é necessário garantir o protagonismo do aluno no momento da resolução, ou seja, estimulando-o a trazer possíveis soluções para o impasse, escutando sempre cada um dos lados e exercendo uma mediação de forma flexível e adaptativa.

Fonte: Elaborado pelo grupo autor deste trabalho, 2024.

Ao listarmos as atribuições ressaltadas acima, visamos que, para além do nosso aprendizado em Campinas, nossa experiência seja capaz de transbordar e possibilitar outros educadores a atentarem para uma abordagem próxima aos alunos, guiados pelas competências afetivas. Assim, essas características foram pensadas de forma ampla para que possam ser aplicadas em diversos contextos de aprendizagem.

O diálogo aberto pelo projeto PIBID ressalta a importância da intersecção entre novas formas de ensino que troquem o conhecimento gerado pelo ensino

superior com os diversos estágios da educação, aprofundando a discussão na prática cotidiana para qualquer aluno.

Dessa maneira, os resultados apresentados nesse texto visam contribuir com as produções teóricas, o debate e a vivência sobre as novas perspectivas de formação e conhecimento de educadores.

5 AGRADECIMENTOS

Queremos expressar nossa gratidão às professoras-supervisoras Juliana Monteiro e Daniela Pinto, cuja orientação e suporte foram fundamentais durante nosso trabalho na escola EMEF Padre Francisco Silva no ano de 2023. Também expressamos nossa gratidão às crianças, que sempre nos receberam com carinho, receptividade e que sem elas nada disso seria possível.

Também gostaríamos de estender nossos agradecimentos às professoras coordenadoras Marisa Martins Lambert e Selma Machado, responsável pela orientação deste trabalho, cujas discussões envolventes e contextualizadas contribuíram significativamente para o desenvolvimento do tema. Assim como o projeto PIBID Artes por fomentar experiências como esta.

Por fim, reconhecemos e agradecemos a dedicação das participantes do grupo de pesquisa, cujo comprometimento foi fundamental para a investigação do tema.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Francione Oliveira; BOTELHO EGAS, O. L. G. A. **Crianças, artistas, mediadoras: quem aprende com quem?** *Matéria Prima*, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em <<https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA597615453&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=21829756&p=AONE&sw=w>>.

COLES, G. **Literacy, Emotions, and the Brain**. 1999. Disponível em: <<https://www.readingonline.org/critical/coles.html>

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

JAQUES, Patrícia Augustin; VICARI, Rosa Maria. **Estado da arte em ambientes inteligentes de aprendizagem que consideram a afetividade do aluno.** Informática na educação, UFRGS: Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/PatriciaJaques/publication/228752552_Estado_da_Arte_em_Ambientes_Inteligentes_de_Aprendizagem_que_consideram_a_Afetividade_do_Aluno/links/0a85e53a34dd13dafd000000/Estado-da-Arte-em-Ambientes-Inteligentes-de-Aprendizagem-que-consideram-a-Afetividade-do-Aluno.pdf.

VYGOTSKY, L. **The Problem of the Environment.** In: VEER, R. V.; VLASINER, J. (Ed.). The Vygotsky Reader. Cambridge, MA: Blackwell. 1994. p. 338-354,